

Centros de Adestramento Militar

Pelo Gen. T. A. Araripe

Não deve ter passado despercebido ao meio civil a actividade anunciada em tôdas as regiões militares, no fim do ano de instrução. Graças à impulsão do Ministro da Guerra e directrices do Estado-Maior, organizaram-se e vão sendo executados nessas regiões, exercícios de cooperação das armas em que tomam parte grupamentos de forças de várias Armas. Esses exercícios, a que o vulgo dá o nome de manobras, representam, no ano que corre, notável esforço da administração da Guerra e dos comandos das Grandes Unidades. Não lutam estes apenas com a fraqueza de efectivos, reduzidos por medidas de estric-ta economia. Têm contra si a ausência de campos de instrução adequados aos exercícios de algum vulto, principalmente quando neles houver lugar para tiros reais de tôdas as armas.

Aqui no Distrito Federal são notórias as dificuldades que só a vontade e a energia do General ZENÓBIO DA COSTA souberam vencer. Na ausência de campo adquado onde pudesse fazer actuar maior parte das tropas sob seu comando, ele procurou utilizar os mais satisfatórios, na região da antiga Fazenda Caxias, sôbre a estrada Rio- S. Paulo. Todos imaginam as restrições que um terreno lavrado, cercado, com inúmeros sitiante, oferece ao movimento, às operações e ao tiro das tropas e principalmente das tropas blindadas. Os jornais do Rio têm divulgado a série de medidas com que o comandante da Zona Militar Leste procura sanar os prejuí-zos que possam advir para os sitiante da zona de exercício. Acresce também que nem sempre esses terrenos se prestam à actuação de grandes efectivos e à natureza das operações que se deseja praticar.

O que acontece no Rio, apesar de haver o Campo de Instrução de GERICINÓ, já por si quase interditado para certa espécie de tiros e para unidades de efectivo maior que batalhão, é o que se dá em REZENDE, onde os terrenos destinados à instrução da Escola Militar são já muito reduzidos para as necessidades dessa instrução.

Nenhuma região militar e nenhuma guarnição possui um campo de instrução, mesmo em condições mediócras.

Quase sempre se apela para a boa vontade dos proprietários e fica-se sujeito aos prejuízos que a utilização dos campos acarreta: — estragos das plantações, fogo nos pastos, danos no gado, etc. Além do que, raramente se consegue a área necessária aos exercícios com o efectivo desejado.

O único terreno que compreende grande extensão vantajosa, sob certos aspectos, é o da Coudelaria de SAICAN. Este compreende uma grande área. Ele tem sido utilizado algumas vezes para grandes exercícios, embora exijam grandes deslocamentos e tenha o inconveniente de estar na sua grande parte arrendado a particulares.

No período da guerra foi projectado e teve início graças ao General NEWTON CAVALCANTE, o Campo de Instrução de Engenho da Aldeia. Foi uma concepção bem orientada, mas infelizmente a execução foi interrompida tão logo aquele chefe deixou o comando da 7.^a Região Militar e ter desaparecido a ameaça contra o Nordeste brasileiro.

É sabido que sem campos de instrução adequados não é possível fazer a preparação da tropa para a guerra.

Os exércitos europeus de antes da guerra muito se preocupavam com o problema dos campos de manobras e alguns eram mesmo notáveis. Contudo, bem sabemos da preocupação das autoridades quando eram obrigadas a utilizar os terrenos particulares com plantações. E isso acontecia quase sempre. Nos Estados Unidos, os campos de instrução tiveram uma organização perfeita e completa. Eles foram um dos elementos essenciais da preparação dos exércitos da vitória.

O vulto e a intensidade dessa preparação para a guerra conduzem, entre inúmeras outras medidas, à organização de grandes Centros de Adestramento, em que se reúnem todos os recursos para a formação eficiente, não só dos elementos individuais, oficiais, sargentos e especialistas, como o treinamento das grandes unidades, em situações muito semelhantes às que terão em caso de guerra.

Esses Centros de adestramentos não poderão ser improvisados na eclosão da crise; deverão existir desde o tempo de paz, com a totalidade, ou quase totalidade de seus meios e aparelhamentos.

Na base de qualquer reestruturação das Forças Armadas devem estar a concepção e a realização desses Centros e con-

sequente modificação do estacionamento de muitas de nossas atuais unidades.

O Centro da adiestramento comportará : —

- campo de instrução;
- aquartelamentos;
- residências;
- instalações complementares;
- instalações urbanas indispensáveis à vida do Centro.

Para esses diferentes elementos podemos tomar como paradigma qualquer um dos "Fortes" do Exército Norte-Americano e especialmente os "Forte Bragg", "Forte Benning" e a própria Escola de West Point.

São organizações completas e que atendem perfeitamente à sua finalidade.

Só se justificará, na verdade, a existência desses "Centros" se forem dotados, de maneira integral, com todos os elementos, pois, é condição essencial que tenham a auto-eficiência.

A área total dos Centros de Adiestramentos deve aproximar-se de 15 x 40 Km. A título de exemplo, lembramos que nos Estados Unidos da América alguns campos têm quase 2/3 da superfície do nosso Distrito Federal.

De facto, ela deve : -

- permitir exercícios de campanha, com tiros reais de todo o armamento moderno, para uma Divisão de Infantaria motorizada e uma Divisão Blindada, no mínimo;
- ter base e campos de pouso para a aeronáutica;
- ter terrenos para a acção de fogo da aviação (bombardeios e ataques com armas leves);
- ter terrenos para exercícios de pára-quedistas e planadoristas, em cooperação com outras Armas;
- ter cursos d'água para exercícios de transposição;
- ter possibilidades para o rolamento do material motorizado e blindado pesado, em circunstâncias diversas, principalmente quando esse material não deve trafegar nas estradas de rodagem, sob pena de danificar estas.

Principalmente atendendo ao caso da instrução das unidades motorizadas e blindadas, é que se impõem os campos de adestramento, por isso que essas unidades só poderão ser exercitadas em terrenos reservados.

Na disposição dos aquartelamentos, das residências, das instalações e mesmo dos locais de exercícios, é preciso considerar o ponto de vista urbanístico, a necessidade de evitar as aglomerações simétricas em excesso, a necessidade de previsão para o crescimento e ampliação de certos órgãos.

Devemos lembrar-nos que a disposição de certos quartéis nossos tem dificultado a sua ampliação, toda vez que a nova organização e os novos efectivos impõem aumentos.

As áreas desses Centros poderão, além disso, ser arrendadas como pastagens; em outras poderão ser cultivadas para benefício da própria tropa.

Na localização desses Centros será preciso atender:

- às zonas em que será mais conveniente reunir e instruir grandes unidades, na mobilização;
- às zonas em que as condições de vida são favoráveis, principalmente quanto ao clima, às comunicações;
- às zonas em que houver campos baratos e pouco propícios à agricultura.

A administração da guerra, por intermédio do Estado-Maior do Exército vem estudando este problema há muitos anos, embora ainda não o tenha encarado com a amplitude aqui lembrada.

Nos Estados de Minas, Rio, S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul não é difícil encontrar a localização ótima para estes Centros, em zonas ainda não aproveitadas.

O planejamento para essa realização deve visar a execução gradativa e metódica. Adquirida a área, nas dimensões máximas desejadas e nunca menor, a construção das instalações será feita por partes e na medida dos trabalhos irão sendo transferidos para esses Centros os aquartelamentos das unidades.

No fim de três ou quatro anos teríamos reunido em cada Centro de Adestramento, no mínimo um grupamento tático completo..

Além disso, o Centro disporia de instalações sumárias para alojar durante certo período as unidades que estivessem aquarteladas fora do mesmo.

A reunião de tropas no mesmo aquartelamento traz vantagem à instrução, muito mais intensiva, maior cooperação entre as Armas, para a coesão da tropa e até mesmo para a manutenção da ordem interna. As unidades, instaladas nestes Centros, não estarão, sujeitas à ação dissolvente das grandes cidades e, em caso de necessidade de sua intervenção para manter a ordem, teriam meios de transporte rápidos para intervir a tempo. Bastaria que não ficassem muito afastadas dos grandes centros de governo das diferentes unidades da federação..

Em muitos casos, haverá vantagem de retirar as unidades encravadas nas grandes cidades. A venda de seus quartéis, por demais valorizados, daria para cobrir a despesa da aquisição dos campos e para as primeiras construções essenciais.

É o caso, por exemplo, de S. Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Juiz de Fora, onde os terrenos de propriedade do Ministério da Guerra seriam disputados pelos meios civis, dada a sua localização.

Em relação à Capital Federal, a criação de Centros de Adestramento no Vale do Paraíba, ou em certas zonas do Sul de Minas poderia desafogar o Distrito Federal de grande massa de oficiais e praças, principalmente se estes Centros se destinarem às Escolas de Estado-Maior do Exército e da Aeronáutica, de Aperfeiçoamento de Sargentos, e às Unidades-Escola.

No nosso entender, seria de grande acerto que a orientação aqui lembrada e que vem ocupando a atenção da administração da guerra, começasse a ter execução pelo Centro de Adestramento da Escola de Rezende, (x) tão precisado de uma grande área e de instalações de instrução e pelos Centros de Adestramento das Escolas e Unidades-Escola.

No Exército, todos estão convencidos de que não é possível adiar a solução desse problema, se é que desejamos ter tropas preparadas para a guerra e não apenas tropas policiais.

(X) — Nota da Redação :- Lembramos, a propósito, a possibilidade de utilização, com essa finalidade, da Fazenda do Chapadão, em Campinas, S. Paulo, já de propriedade do Ministério da Guerra e onde está sendo construída a Escola Preparatória.